

Diversidade cultural e educação





Ludmilla Fonttainha*

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), no mundo existem 191 países, cada um com sua característica cultural, étnica, religiosa e econômica. Nos tempos de hoje, é impossível abordar a diversidade cultural presente em cada país, Estado e município, sem contraposição à globalização. Se uma preserva as características de cada lugar, a outra padroniza, transforma as particularidades em um único bloco, em uma unidade. Se a diversidade exterioriza a cultura de determinado povo, a globalização apara as diferenças e extermina - no sentido literal - o que difere cada um: lugares ou até mesmo países.

Não é uma visão apocalíptica. Seria simplesmente uma tradução do que ocorre na prática. Não é raro visitar países, principalmente quando o destino são as grandes cidades, e se sentir no mesmo lugar. Aos que pouco percebem - leia-se arquitetura e pequenos costumes dos habitantes locais -, a sensação é a de se estar na mesma cidade, seja em Belo Horizonte, no Brasil, em Santiago, no Chile, ou

em Sydney, na Austrália, para exemplificar com diferentes posições geográficas. E será que a globalização apenas atrapalha? Acredito que não. Porém, quando levada a ferro e fogo, ela interfere nas tradições e peculiaridades dos povos. E seria também uma opção? Também acho que a resposta é mais econômica do que opcional. E, nesse caso, onde a sobrevivência é a palavra da lei, seria impossível fechar-se a ela.

E é na diferença que governos locais deveriam investir e insistir. A diversidade cultural é que atrai o turismo e torna cada local especial, diferente, intocável. Um município, Estado ou país que sabe blindar seus costumes consegue garantir sua memória, sua história, seu turismo e sua identidade. Isso porque, na nossa realidade, com constantes modificações e crises econômicas, é impossível falar de cultura sem abordar o aspecto financeiro. Para se ter um povo orgulhoso de seus costumes, é preciso provar que aquela manutenção da cultura, naquilo que a difere das demais, traz também um ganho financeiro. Se as tradições do Havaí, que possui belas praias, fossem iguais às tradições de Fernando de Noronha, que também é famosa por suas lindas praias, não seria preciso sonhar e investir financeiramente em uma viagem internacional tão longa e onerosa.

E a manutenção dessa diversidade cultural pode ser feita de vários modos. Um deles, mais acessível para todos, é realizado por um canal que nos une cada vez mais: a internet. São os si-

tes - como o do Portal Educar-Brasil - que apresentam e valorizam esse item tão valioso, que preservam de maneira intocada esse bem imaterial - que contraditoriamente pode ser tocado. São os recursos educacionais disponíveis nos sites, com textos recheados de informações e fotos, que levam à discussão do tema a ser trabalhado dentro de sala de aula e explorado em casa. Há uma diversidade de links que apresentam a cultura, os pontos turísticos, a história e a geografia - entre outros conteúdos disponíveis, que unem os diversos temas da educação básica, partes indispensáveis dentro da formação educacional atual. Pelas palavras, capazes de nos fazer viajar sem sair da tela dos computadores, tablets ou smartphones, podemos descobrir o que nos faz únicos. É esse pequeno item de valor inestimável que cria nossa identidade. Viajar sem sair do lugar é uma maneira de preservar a cultura e instigar a presença física, gerar renda e sustentar a economia local, garantindo a sobrevivência.

Na educação, é preciso instigar esse orgulho de ser único. Por meio da participação em sala de aula, é preciso questionar e elucidar que ter peculiaridades e características próprias não significa estar fora do contexto mundial. Pelo contrário, manter a diferença viva é contribuir para a prosperidade de um povo. ■

*Jornalista. Parceira da Educar-Brasil

www.educarbrasil.org.br